

CENTENÁRIO DE RAFAEL DUARTE

Celso Maria de Mello Pupo.

Feliz Academia que se conduz segura pela inteligência e pela sabedoria de quem marea nas águas interminas do saber literário; luzeiro e guia, nosso presidente excele com outros do nosso senáculo, onde se colocou, também, o barro modesto que se tem de esconder e revestir na formação acadêmica, para seu maior brilho. Mas, se o brilho já consagrou dourando o falar dos acadêmicos Lycurgo e Milton, biógrafos e críticos de Rafael Duarte de quem souberam exaltar as produções na prosa, na poesia, na história, no teatro e no jornalismo, nada justifica o aparecer ^{agora} ~~hoje~~ do barro modesto que só se acolhe aos recônditos da amizade, e que se vale da docilidade do querer bem. Nem sempre, com justeza, escolhe o nosso presidente, como ^{ora} ~~sempre~~ ~~vem~~, quando fugiu ao fulgor do intelecto, para que esta noite decorra nas planices ~~colinas~~ singelas, do viver afetuoso, falando o coração amigo que teve a ventura de estimar e admirar Rafael Duarte, em toda vitalidade da sua figura exemplar.

Faz cem anos que êle nasceu; já não vive entre nós; não mais conquista nossa simpatia ou provoca reação de indiferença ou malquerença; páira acima de nós; e é sua lembrança que pode povoar-nos a memória, com os rigores da sua exatidão, desenhando o homem justo, o homem sábio, o homem culto, o artista, o administrador, o caridoso.

Antes de um sonho florido de grandeza; antes das vaidades de um príncipe da literatura; antes do orgulho do político eminente; tinha Rafael Duarte as riquezas de um coração generoso, a modéstia dos sábios, a singeleza dos puros, a solicitude atenciosa para ser o homem acessível aos mais humildes, benevolente e acolhedor, altivo mas paciente como mestre que se ampara aos bordões da indulgência; ornava-se com a ingenuidade dos que são honestos e a dedicação dos abnegados.

Retemperando forças de velhos; criando o entusiasmo dos moços, não foi o acaso que o fez cavaleiro andante do bem e do belo; impávido lidador do interesse coletivo; consciente construtor de felicidade alheia; obreiro das realizações culturais; administrando, construindo sem cansaços ou desfalecimentos; fazendo da caridade uma preciosa e oculta gema do relicário do seu coração; elevava Campinas em prefeitura proveitosa na qual só a êle se devem serviços que significam um brasão de nobreza, armando-o fidalgo da benemerência que se extravasou pela mordomia da Santa Casa de Campinas e pela diretoria do Asilo de Inválidos desta cidade.

E um traço marcante de Rafael Duarte era a modéstia. Homem de letras que privava e ombreava com Coelho Neto, Garcia Redondo, Alberto Faria, Basílio de Magalhães; escrevendo as "Crônicas do Meu Tempo" que, no dizer de Lycurgo "é a prova maior de sua habilidade literária, de seus conhecimentos históricos, de sua cultura geral", Rafael Duarte guardou os elogios recebidos, só para si, no prazer dos grandes

que se alegram e se satisfazem com o reconhecimento de um dos seus pares.

Foi Dom Joaquim José Vieira, quem manifestou-se, ao ler a "Campinas de Outrora", com palavras sinceras, próprias ao seu feitio e caráter, dizendo-nos quem já era Rafael Duarte em 1906: "Muitas recordações saudosas me vieram ao espírito e ao coração, ao ler o nome de tantas pessoas que me eram caras, como os seus inolvidáveis pais, seus padrinhos, seu sogro, e outras de saudosa memória. Mas não foram só estas recordações que me prenderam ao seu livrinho, senão também, e, por ventura principalmente, a sua vida do estilo do autor dele. Sim senhor, meu Rafael, Vossa Merce é literato". "O seu trabalho revela grande cópia de conhecimentos adquiridos em acurada leitura, acompanhada de criteriosa observação; o que não deixa de causar certa admiração, por ser Vossa Merce ainda bem moço e ocupado nos misteres da lavoura".

E o moço elogiado, que tão justificadamente poderia fazer de tal missiva uma apresentação de auto propéganda, modestamente conservou o elogio para o nobre egoísmo, se isto é possível, de um prazer muito pessoal e recôndito.

Sôbre "Dona Clarita" e suas obras de teatro, foi o neto acadêmico quem fez Campinas conhecer os grandes aplausos recebidos pelo avô, de nomes aureolados no mais alto conceito dos círculos literários e teatrais. Dispondo dêstes e outros muitos atestados do seu talento, guardou-os, quando não lhe faltava o direito de divulga-los para a confusão de indoutos que não sabiam reconhecer o valor dêste filho que tanto elevava Campinas.

Circunspecto, de porte nobre, erecto e altaneiro, impunha respeito; transfigurava-se, porém, no seu falar correto e ridente, maneiroso e delicado, dispensando, cavalheiroso, comunicativo e de extrema simpatia, a impressão do seu benévolo acolhimento que conquistava, de plano, os que se aproximavam. Êstes traços confirmam o filho, o esposo e o pai terno e amoroso.

No tempo em que os pais ainda infundiam respeito aos filhos, herança daqueles mais velhos tempos do pai patriarca e chefe da família, que se impunha pela honradez, circunspecção e nobreza tradicional, eram êstes que escolhiam o destino dos filhos, assentando os contratos matrimoniais das filhas que já aos doze ou catorze anos deviam "tomar estado", e destinando os filhos às carreiras que mais lhes parecia convir, como agiu o pai do nosso biografado.

Seu pai chamava-se Joaquim Carlos Duarte; era homem abastado e generoso, benemérito na caridade e no civismo, financiador das Fôrças Imperiais que se dirigiam ao Paraguai e que passaram por Campinas onde se demoraram de 15 de abril a 20 de junho de 1865; era seu comandante o coronel Manuel Pedro Drago que, antecedendo a tropa, como conta o Visconde de Taunay em suas memórias, "tocou rapidamente para Campinas, onde foi hospedar-se em casa de um fazendeiro Duarte, chamado familiarmente Tico"; "o irmão major fiscal do corpo de perma-

mentos da Côrte, que servira com o nosso chefe de então e tomara a peito essa fineza ac seu comandante".

O militar, irmão de Tico Duarte, era o tenente coronel Antônio do Rego Duarte "bravo e esbelto oficial do exercito brasileiro, duplamente honrado com a insígnia da Ordem da Rosa e com a medalha de Monte Caseros".

Joaquim Carlos Duarte casou-se em Campinas aos 16 de abril de 1846 com Dona Ana Francisca de Andrade, neta paterna do capitão mor de nossa cidade, João Francisco de Andrade e de sua mulher Dona Ana Franco Cardoso; teria a fôrça atávica conduzido do capitão mor a Rafael Duarte, seu bisneto, qualidades para bem ocupar o mais alto cargo executivo da administração, provido o da vila por um e o da cidade por outro, com elevação e dignidade?

Nos costumes da época, Tico Duarte bem apreciando o fervor religioso do filho Rafael, vislumbrou que seria êle o instrumento de realização do seu ideal de ter um filho padre, e, assim, encaminhou o menino para o Seminário de São Paulo, no qual o nosso homenageado receberia os ensinamentos para a carreira sacerdotal, e que foi, para êle, de grande proveito, tornando-o um latinista exímio e dando-lhe fundamento sólido para a sua brilhante cultura literária, iniciada em Itu com os jesuitas.

Mas, como a vocação religiosa não se cria e o mocinho, convicto de que tanto se serve a Deus sob o burel de um monge como no aconchego de um lar honesto, bem auscultando suas inclinações e ideais, preferiu ser de Cristo um bom soldado leigo, a violentar-se numa sacrificada missão que não aspirava. Como bom filho, custava-lhe contrariar a vontade paterna; valeu-se, então, das delicadezas e habilidades femininas de sua madrinha de batismo, a Baronesa de Atibaia, para encontrar complacência, ou antes, para obter a justa decisão de seu pai, e deixou o Seminário.

Esposo dedicado e pai amoroso, bastava, como tivemos a ventura de fazer, penetrar o lar de Rafael Duarte, casa vasta na rua Regente Feijó, alta, de esquina para a Barreto Leme na qual abria numerosas janelas, e sentir ali o ambiente de bondade e harmonia. Sua esposa, Dona Nenê, solícita, prestativa, atenciosa, deixava irradiar seu afeto pelo marido bom. Adivinhava-se um passado romance, nos tempos em que já o rigorismo que isolava as noivas só conhecidas no altar, se extinguiu, seguido dos hábitos de encontros sociais nos bailes, nas festas religiosas e nas festas caseiras, quando os salões eram conquistados pela valsa vienense romântica e dolente.

Pai amantíssimo, revela-se na hora amarga de perder o filho, traduzida pelo talento e pelas lágrimas em soneto que culmina com palavras de profundo afeto:

"Sinto ainda no peito o premir caricioso
de tua cabecinha, ó filho meu querido".

É preciso ter no céu um filhinho, para sentir a profundidade dêste sofrer, a universalidade desta dor e a grandeza dêste

afeto de pai que recebe os filhos como bênçãos de Deus e como as maiores riquezas que possuímos na terra. Se de outras vezes deixou patente a sua bondade de pai, não podemos olvidar um seu queixume em verso, ^{referindo-se à sua primogênita,} contra o tempo que nos priva da graça dos entesinhos que nos encantam como filhos nossos:

"Quem me dera ter-te agora
criancinha entre meus braços,
pra' cobrir-te, como outrora,
com meus beijos, meus abraços".

Da sua amizade às filhas e do seu trato amoroso, um traço significativo havia: se era pai respeitado com religiosidade e disciplina (e ainda nos lembramos do medo de sua primogênita da possível reação paterna quando tivesse conhecimento dos seus encantamentos pelo jovem que depois foi seu marido) a sua autoridade não diminuía na convivência franca e encantadora com as filhas que, naqueles tempos cerimoniais, já o tratavam afavelmente de "você", coisa raríssima entre as famílias brasileiras.

Homem do espírito, homem do intelecto, homem do saber, sua vida foi um florão da inteligência; brilhou na boa música incentivando-a, divulgando-a, amparando-a; só uma Guiomar Novais por êle hospedada em Campinas, marcou sua atividade longa e incansada na difusão da arte em sua terra. Brilhou na história, colhendo-a, resumindo-a, publicando-a, fazendo conhecido o passado de Campinas nas suas grandes, faustosas e ~~xxx~~ aristocráticas realizações, assim como nos hábitos do povo, nos seus folguedos, no seu viver de rua, até nos batuques do escravo, das senzalas trazido para as praças, travestido e nível humilíssimo em que viviam, para soberanos e imperantes, recobertos os seus andrajos com falsas sedas, sedas e diademas. Brilhou participando da fundação do Centro de Ciências; brilhou na administração ocupando, distinta e elevadamente, cargos no legislativo e no executivo; brilhou na filantropia dirigindo casas de caridade.

Biógrafo dos mais severos como era do seu feitio, não regateava elogios ao biografado merecedor; em 1920 julgava o primeiro bispo de Campinas, Dom João Batista Correa Neri, em escorreita forma e pureza de linguagem dos seus escritos, como vamos repetir parcialmente para enlevo dos que o conhecem como brilhante escritor:

"O ideal político, entre nós, criou valentes pioneiros que, não ~~xxx~~ obstante, viveram adstritos ao seu campo de ação; o ideal artístico desabrochou de forma memorável, mas, cantor, músico ou poeta, cada qual se manteve em sua esfera; o ideal religioso, porém, teve seu paladino - para me não referir a D. Vieira, essa meiga e sugestiva imagem de um São Vicente de Paulo - e êsse paladino foi o padre Neri, que surgiu de um lar pobre, modesto e deslembado da sorte, para se fazer por si, galgando as mais elevadas posições no seu meio social". "Orador notável, missionário do bem, patriota às deveras, soube impor-se e conquistar os corações pela bondade nativa e atraente de sua alma".

Nosso presidente, na sua obra e na sua habitual elegância de escritor, cuidou, ainda, de dizer que recordava o "afável, ilustre e inteligente confrade", tendo sido a "época em que a cidade fervia de intelectualidade, que Rafael Duarte publicou, no ano de 1905, o volume Campinas de Outrora, uma coletânea de crônicas aparecidas na imprensa sob o título de Coisas de meu Tempo, com o pseudônimo de ~~Manuel~~ Agrício".

Nesta obra, revela-se Rafael Duarte, não um simples historiador, mas um fino literato historiador a lembrar um Alexandre Herkulano, fazendo viver a história, dando-lhe movimento sem fugir à verdade, mas enfeitando seus próprios encantos, dourando com imaginação a vida social, movimentando figuras que povoaram o passado, em portentosa exposição da Campinas antiga que ele sabia buscar com dedicação amorosa à sua terra, no seu próprio dizer encantador:

"Não conseguia a mão do tempo delir, da memória de alguns velhos conterrâneos, a lembrança das nossas coisas passadas, as quais, por tradição oral, já que nos falecem subsídios escritos, se vão transmitindo à posteridade, brandamente matizados por essa luz crepuscular da mais intensa saudade. Todo o mundo suspira pelo bom tempo, o tempo da sua mocidade! É que se foram, uma a uma, essas doces ilusões do passado, restando-lhe somente, agora, o amargo fel do desencanto, que se traduz nas enfermidades, na perda de um anjo tutelar, nas decepções do moirajar da vida".

Desde as primeiras páginas, quando o autor se transporta à época remota, de mais de quarenta anos anteriores ao seu relato, revela-se valioso pelos recursos descritivos, de minúcias e particularidades; em uma noite de ensaio da banda "Filorffênica", vendo-a "pelos interstícios da velha porta de cabreuva", desde a figura do regente, o Juca Música nos seus comandos, nos reclamos, nas suas críticas e nos reparos; cita pelos nomes os componentes da banda, com instrumentação de cada um, como se tivesse participado desses ensaios de 1862.

Em crônica de continuação, passando a historiar um caso de família na qual tinham especial papel duas irmãs, uma "taciturna e encolhida" e outra o seu avesso, brinda-nos com sua capacidade descritiva:

"Eulinda, pelo contrário, era tudo o que podia haver de encanto para a vista e de cativante para o coração. Graça donairoza, num porte altivo e imponente, constantemente a sorrir, patenteando uns dentinhos que eram mesmo um mimo, em tão mimoso escrínio; em suma, quebravam-se-lhe os olhos numa meiguice sem par, e de toda ela desprenhia uma graça tão cativante, tão cheia de magia".

Não lhe escapa um guapo rapaz das eras mortas, "metido na sua casaca, ou, em falta, na sua boa sobrecasaca", "o seu bonito colete de seda lavrada em xadrez, e mais as suas calças brancas". Basta ler um pequeno trecho do seu livro para medir o engenho do escritor exímio, o seu espírito e a sua erudição; fez de uma fala feminina, este esplendor "Se alguém ha que mereça, do sexo frágil a que pertença, um verdadei-

"O culto, não é, certo, o artista genial, que, de um bloco de mármore, arranca uma Venus qualquer, cuja boca sorri, cujos olhos cintilam, cujo coração como que palpita, sob a fria rigidez da pedra; não é, tão pouco, aquele que, num retalho de grosseira tela, lança, a pinceladas, numa correta harmonia de tons, essa policromia admirável que lhe empresta a palheta, fazendo surgir, como que por encanto, um trecho de paisagem, em que se deleita o olhar encantado, a sonhar num delicioso arroubo; nem e, também, este outro, que, ferindo as cordas da lira, acompanha, cantando, uma canção dolente, que nos extasia e em que se embala o coração nostálgico, volvendo às doces cenas do passado, a rever coisas que não mais verá! Ó! manes de Buonarroti e de Cellini, de Tiziano e de Raffaello, de Verdi e de Carlos Gomes, curvai-vos reverentes diante desse astro de primeira grandeza, desse gênio incomparável, ante o qual, genuflexo, se prosta o sexo frágil - o sublimíssimo artista da agulha e da tesoura!"

Não se estaca neste distribuir de lantejoulas das suas letras; conta-nos como eram os vestuários das senhoras, adereços e joias, os vestidos nos seus exagerados decotes, braços nus e grande cauda, o penteado, cabelos e pentes, luvas, tecidos, metais, tartaruga, tudo descrito em suas miudezas, com a cintilação que lhes dá o escritor.

No baile de 15 de julho de 1862, vemo-lo lá dentro, participando da festa, como curioso a anotar todos os requintes daquele ambiente de luxo, tôdas as conversações dos homens importantes de Campinas, citando um por um, nas suas maiores atividades e dedicações, como se tivesse convivido com eles por meses e meses, sem trair a verdade histórica, deixando pasmo o pesquisador que sente a luz meridiana com que Rafael Duarte romanceou, com talento inexcedível, o passado de Campinas.

Discorre sôbre o carnaval, personalidades da época, colônia portuguesa tão numerosa quanto distinta, hoje de avoengos de muitas e importantes famílias da cidade; sôbre o comércio, a indústria, ocorrências curiosas, a imprensa com seus periódicos e seus jornalistas, milícias e militares, os Voluntários da Pátria na guerra do Paraguai, movimento religioso com suas irmandades, colégios, instituições culturais e sociais, festas populares, folclóricas, espelhando a vida, os labores, a linguagem, o habitante, povo ou elite.

Para mostrar como ~~xxx~~ dispunha de uma vária capacidade intelectual, vamos ler a descrição espirituosa que fez de uma pescaria, de sacrifícios, como nos conta:

"enfiar-se em uma fatiota de brim de linho, calçar uns sapatos de entrada baixa (sendo eles rotos serg' uma pechincha), ~~xx~~ munir-se de uma varinha com a respetiva linha e ~~xxx~~ anzóis, um picuá para transporte da munição culinária, e, assim fardado e municiado, em dias de chuveiro miudo e persistente, marchar no calcante até as Campinas Velhas. Lá chegando, meter-se pelo brejo a dentro, com lama até os joelhos, acocorar-se a beira d'agua, e, pro amore artis, fleugmaticamente espetar uma minhoca à farpa do anzol, deita-lo

n'água, e esperar. No breve espaço de três horas, virá mansamente, bipartindo a correnteza daquele riacho, a dar rabanadas, refletindo a prateada escama do seu corpo flexível, um triste e raquítico lambari, desgarrado do cardume, que mora além". "Três horas para um lambari, somam doze horas para uma cambada de quatro! Mas, também, que deliciosas sensações! Que prazer enebriante!"

Lançando, agora, o nosso olhar para os tempos em que, nós mesmos, não contávamos mais de uma dezena de verdadeiras primaveras, podemos lembrar a primeira década do século: nestes dias, quem palmilhasse a rua Barreto Leme, partindo do Mercado para a matriz do Carmo, ao chegar à esquina da rua Regente Feijó, encontraria, à sua esquerda, uma grande casa fechada, com visíveis indícios de abandono, cerrada a sua porta e as numerosas janelas. Era casa assombrada, sem morador e sem uso, silenciosa pelo correr do dia, mas agitada à noite quando sombras desciam à sua frente e se deluíam ao aproximar de um passante; agitada com as vozes soturnas, ruídos de andar cadenciado de espectros que arrastavam suas correntes de suplicio e penitência; era a casa assombrada que afugentava os retardatários tardios dos bares quando a cidade já se mergulhava no silêncio e no recolhimento de sua população pacata; era a casa assombrada, como jurava o povo.

Os velhos aristocratas, elegantes do século anterior, já não contavam igual história: a casa fechada, longe de ser assombrada, era um repositório de gloriosa crônica, tinha um passado honrosíssimo, regorgitara de gente da melhor sociedade; seus salões brilhantes marcaram a vida da cidade com saraus memoráveis, festas faustosas, de luxo, de elegância, de cultura, de arte, de primor e apuramento no maior bom gosto da época das grandes riquezas do café; era o legendário Clube Semanal do passado de Campinas.

Leopoldo Amaral, conta que o "edifício do Clube Semanal constava de um salão de danças e outros de menores proporções". "Seis lustres de iluminação a gaz derramavam deslumbrante claridade no salão". "A senhoras e as moças solteiras (não se usava ainda aqui o tratamento de senhorita) trajavam seda e veludo, reunindo os atrativos da elegância e da riqueza; vestidos ligeiramente decotados, de cinturas excessivamente finas, pelo espartilho, de longas caudas, tão longas que, para dançarem, as nossas conterrâneas as apanhavam, dobrando sobre o braço direito, com verdadeiro donaire; as joias - ouro e brilhantes, faiscavam". "Largos leques, varetas de marfim, adornados de plumas de cores, ou de fina gaze de seda dourada", "eram brandamente agitados pelas mãos enluvadas".

Inaugurado este clube em 1º de janeiro de 1873, quando Rafael Duarte contava apenas seis anos de idade, viveu, cresceu, brilhou, para depois se estagnar reduzido a uma casa assombrada. E foi Rafael Duarte quem o historiou, quem reclamou seu reerguimento e, finalmente, quem o fez ressurgir jungido à Cultura Artística; e foi Rafael Duarte quem o conduziu a uma nova vida brilhante, nos seus festejos, nas suas reuniões dançantes, nos seus encontros literários, nas suas revolações da arte cê-

nica com o entusiasmo, com a dedicação, com a persistência do "Seu Rafael", centro de toda a movimentação, seu animador, seu diretor e amparo.

Jornalista nato, nunca deixou o nosso homenageado de colaborar na imprensa com os seus trabalhos excelentes. Quem teve a ventura de ler uma série de artigos seus sobre o quarto centenário da Companhia de Jesus, que é, como êle diz, "uma legião de genuínos intelectuais e de virtuosos varões, a que forma o grandioso cenáculo fundado e dirigido por Inácio de Loyola", deliciou-se na exposição clara, nas minúcias curiosas, em seu exército vultoso de antigos alunos, na enumeração das casas espalhadas pelo nosso país.

Zeloso dos nossos valores, buscava e relembra campineiros ilustres como Nicolina Vaz que êle biografou citando e catalogando suas maravilhosas obras de escultura. Encantado das belezas artísticas e culturais, elevou Bidú Saião, ~~ministra da educação~~ animou nossos conservatórios, e, com históricos como o do colégio São João do Lageado, fez reviver nas páginas do jornal, figuras ilustres de nossa vida como um Vigarinho, um Bento Quirino.

Um dos seus grandes trabalhos foi dar a Campinas o teatro municipal, o mais belo teatro do interior do Estado; sua construção custou-lhe luta árdua e profundos aborrecimentos que êle venceu por amor à sua terra. Quem não se encantava com aquela joia de bom gosto que era o nosso teatro, todo adornado de ouro e circundado das elegante frisas e camarotes, de harmonioso conjunto e suave disposição?

Êle mesmo deixou uma página desritiva de maior fulgor na vida do teatro, quando ali, em 1934, realizou-se o grande banquete e brilhante baile em homenagem ao preclaro brasileiro que foi Armando de Sales Oliveira. Deixemo-lo expressar-se nos encantos de sua pena:

"Campinas, mais uma vez, deu de si a expressão incontrastável de sua galhardia, probidade e nobreza, na recepção brilhante que, com um baile, no sumptuoso salão-plateia do Teatro Municipal, ofereceu a S. Excia. o dr. Armando de Sales Oliveira, paulista e civil, colocado à frente dos negócios públicos de Nossa Terra, pela unanimidade de seus elementos mais representativos de nossa gente bandeirante". "Em traços gerais, cabe-nos consignar que o salão do Municipal regorgitava, ostentando artística ornamentação. Do lustre central e globos laterais derramava-se profusamente intensa e rebrilhante luz, com projeções focalizadas sobre os pares, que se extasiavam nos volteios de uma valsa ou nas evoluções dos foxs e maxixes, pondo em destaque toda a elegância das vistosas toilettes que o donaire das senhoras e a garridice das senhorinhas ainda mais realçavam".

Nunca se cansou de elevar Campinas, a terra dos seus encantos; aqui nasceu; aqui constituiu seu lar e sua família; aqui adormeceu para a eternidade, acolhido no seio amoroso da terra querida de sua Campinas. Em seu livro precioso do passado campineiro, descreveu-a quando florescia pelo meado do século passado, com o desabrochar das flores do seu bairrismo, figurando um olhar perquiridor lançado do alto do atual Liceu:

"Lá à esquerda, bem no alto de Santa Cruz, em destaque de branca claridade, engalanada como para um noivado, defrontava-se a saudosa capelinha, tão cheia de encantos, de gratas recordações, com as suas alvíssimas paredes. Cá em baixo o sobrado do Mascarenhas, essa massa enorme, que tão rijamente, ainda hoje, resiste à inclemência dos tempos. Mais além, o sobrado do Franco, colocado à mesma linha que a nossa tradicional e sempre querida Matriz Velha, a Cadeia, o colossal sobrado de d. Teresa, o esguio sobradinho de dois andares, ali na rua Direita, o teatro São Carlos, os altos taipais da nossa Matriz Nova, na sua côr escura, um tanto avermelhada, pois as paredes não tinham ainda sido revestidas de reboco".

.....

Se é com a saudade que hoje queremos homenagear Rafael Duarte, se temos agora, intensamente. Perdoem-nos o desalinho do nosso dizer que é o mesmo como a saudade e a lembrança daquela figura honrada e culta, que muito nos impressionou nos alvares da nossa juventude; a saudade não tem bitola, não se ordena, voa ao sabor da recordação nos tumultos de uma memória cara.

~~(Oração proferida em sessão de homenagem da Academia Campinense de Letras aos 2 de outubro de 1967)~~